

POR UM JORNALISMO ALÉM DA TÉCNICA

JOURNALISM IN ADDITION TECHNIQUE

Tatiana Carilly Oliveira Andrade¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo discutir o avanço da técnica/tecnologia e sua relação indissociada com o Jornalismo e o ensino desse ofício na atualidade, tendo como ponto de partida a polêmica relativa à suspensão da obrigatoriedade do diploma do jornalismo para o exercício profissional. Para tanto, o estudo será feito à luz das ideias de autores que colocam em questão o sentido que o homem atual vem dando à técnica/tecnologia, ao saber jornalístico e a formação desse profissional.

Palavras-chave: técnica/tecnologia – jornalismo - ensino.

ABSTRACT

Based on the controversial suspension of mandatory diploma for professional journalism, this article aims to discuss the state of the art / technology and its relationship with the dissociated Journalism and teaching this craft in the modern or present in light of the ideas of authors which put into question the sense that modern man has given to the technique / technology, and training to know that professional journalism.

Keywords: technical / technology – journalism - teaching.

INTRODUÇÃO

O jornalismo está em crise de valores e de identidade, e, pelo jeito, o seu ensino também está sendo questionado e menosprezado(...) Assim como o jornalismo, as escolas de jornalismo também estão em crise de identidade e objetivos. Existem, mas não sabem muito bem para que servem ou como ensinar um ofício em constante evolução. (BRASIL, 2007, p. 184)

Em 2009 o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Na seção que julgava o assunto, as profissões de jornalismo e a de cozinheiro

foram comparadas na tentativa de demonstrar que ambas apresentavam características semelhantes ao ponto de deduzir que a não exigência do diploma para o cozinheiro exercer sua profissão poderia ser pensada também para o profissional do jornalismo. A comparação foi feita com a finalidade de demonstrar que o jornalismo seria um ofício técnico, cuja prática poderia ser aprendida no dia-a-dia do fazer jornalístico, não havendo necessidade de um curso de graduação para tanto.

Acerca dessa comparação, três anos antes dessa decisão, sem desmerecer a profissão de cozinheiro, o autor Roberto Seabra, fez de forma didática e pedagógica uma analogia entre a prática de cozinhar e a jornalística. Porém, ao contrário do que o STF apresentou, sem realizar recortes que pudessem favorecer ou não a interesses acerca de exigência de uma formação em nível superior específica para o desempenho profissional, Seabra (2006) considerou não só as semelhanças, mas também, a existência de diferenças entre as duas profissões.

O jornalista João Roberto Piza (2008) acrescenta que o lócus universitário ainda é o lugar mais adequado para pensar sobre o saber jornalístico. Nesse ambiente acadêmico é possível refletir sobre a informação fora do calor das rotinas produtivas das redações e tentando compreender a técnica envolvida em todo o processo de produção de notícias além de uma visão meramente instrumental.

Em agosto deste ano de 2012, o senado aprovou a Proposta de Emenda à Constituição, Nº 33 de 2009, também conhecida como PEC dos Jornalistas, que tornou obrigatória a obtenção do diploma no curso superior específico de jornalismo para o exercício da profissão. No entanto, o desfecho dessa história ainda está por vir, já que a proposta deve ser ainda votada na Câmara dos Deputados. Vale lembrar que na história dessa profissão não é a primeira vez que o curso superior em Jornalismo é colocado em questão. A esse respeito, o jornalista e professor Carlos Chagas faz o seguinte alerta:

No fundo, pretendem os inimigos do diploma evitar o que passou a acontecer após a obrigatoriedade, o desembarque nos jornais de uma categoria já forjada nas salas universitárias, unida e cônica de seus deveres e de seus direitos, disposta a não se curvar as imposições não raro ditadas por interesses econômicos, políticos ou pessoais. Como, da mesma forma, pronta a reivindicar salários dignos e

condições elementares de trabalho. Escolhendo jornalistas como se colhem frutos no pomar, de acordo com o gosto de cada um, os donos de jornal ficam mais à vontade para exercer a ditadura de suas idiosincrasias. (CHAGAS, 2008, p. 135).

Essa questão de exigência ou não do diploma de jornalismo para o seu exercício apresenta explicitamente um viés político-econômico em que de um lado encontram-se representantes do poder público, jornalistas práticos e grandes empresas de comunicação, e de outro os jornalistas graduados em Comunicação Social - habilitados em jornalismo - e o meio acadêmico que se dedica à sua formação.

Trata-se de uma luta que passa por interesses diversos que vão desde a reserva de mercado para a categoria, cuja graduação específica em Jornalismo garantiria ao público informação de qualidade e de interesse público até a defesa de uma suposta democratização da informação, com a liberação de qualquer profissional de outra área atuar nesse campo da Comunicação Social. Porém, esse artigo não tem a pretensão de levantar bandeira contra ou a favor do diploma de jornalismo. Mas, sim, partindo das considerações apresentadas, pretende-se então discutir o saber jornalístico, tentando demonstrar como esse campo vem sendo constituído, principalmente, levando em conta os impactos do avanço tecnológico na profissão do jornalista e no ensino desse ofício.

Seria então, o jornalismo uma profissão meramente técnica que dispensasse uma formação verticalizada e sólida por meio de conhecimento adquirido em curso superior específico de Comunicação Social – Jornalismo? Será que o avanço técnico/tecnológico está mudando de fato o saber jornalístico e o seu ensino?

A INFLUÊNCIA DA TÉCNICA SOBRE O SABER JORNALÍSTICO

O autor de *Mídia e Modernidade* John Thompson (1998) desenvolve uma teoria social da mídia e de seu impacto, mostrando como o seu desenvolvimento, que passa pelas técnicas e tecnologias da informação vem modificando a constituição do espaço e do tempo da vida social, criando novas formas de ação e interação. Segundo ele, é fato que a indústria da imprensa² só foi possível a partir do desenvolvimento da tipografia por Gutemberg.

Esse avanço técnico permitiu que informações manuscritas que circulavam com a finalidade de incrementar o desenvolvimento do comércio e do meio urbano durante a Idade Média ganhasse periodicidade e maior alcance do público devido ao aumento do número de exemplares. Posteriormente, a tecnologia radiofônica permitiu que as notícias, matéria- primas do jornalismo tivessem um alcance ainda maior do público, situado tanto no espaço das cidades, quanto no meio rural; atuando inclusive como principal fonte de informação em meio a grande parcela da população ainda analfabeta.

Com a invenção da televisão, o alcance do público torna-se ainda maior e conforme os avanços tecnológicos ocorrem nessa área a difusão de notícias e informações antes regional passa a ter amplitude nacional e até internacional. Com o desenvolvimento da internet já se pode falar em transmissão jornalística em tempo real, planetária e interativa.

Esses veículos de comunicação – o impresso, o rádio, a TV e a internet – se tornaram possíveis graças ao avanço científico e tecnológico. E o jornalismo, um ofício que se constituiu e vem ampliando o seu poder de forma extremamente dependente do desenvolvimento dessas técnicas da informação sofreu e sofre inúmeras reconfigurações a fim de se adaptar a cada um deles e a cada novo avanço técnico desses meios.

O geógrafo e professor Milton Santos (2005), entendendo a história como um processo evolutivo se remete a Kant a fim de assinalar uma relação entre progresso histórico e progresso da técnica indicando que “a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível.” (p.24, 2005). Além disso, o autor aponta para a novidade de que pela primeira vez na história da humanidade um sistema de técnicas – as técnicas da informação – envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença.

As técnicas características do nosso tempo, presentes que sejam em um só ponto do território, têm uma influência marcante sobre o resto do país, o que é bem diferente das situações anteriores (p.25, 2005). Sobretudo levando em conta a indissociabilidade entre jornalismo e técnica, pode-se dizer que na época atual a cada evolução da técnica/tecnologia da informação se abre a possibilidade para uma nova etapa histórica do jornalismo. Nessa perspectiva, o saber jornalístico e o seu ensino encontra uma condição de possibilidade³ de pensamento também jamais vista na história do homem.

Diante dessa revolução técnica pela qual o homem atual passa, que espaço o jornalismo dependente da técnica da informação vem ocupando na sociedade? E a partir disso, como vem se configurando o jornalismo e o seu ensino na atualidade?

Numa análise superficial, podem ser observadas, no campo jornalístico, técnicas com meras finalidades instrumentais, se passando por simples meios de transmissão. Porém, deve-se atentar para o alerta que o filósofo e crítico da técnica moderna Heidegger (2002) faz acerca da técnica. Em seu texto “A Questão da técnica”, o autor recorre aos gregos para mostrar as fragilidades do pensamento moderno sobre a técnica, nos convidando a descobrir a essência da técnica.

Segundo o autor, na Grécia Antiga, o conhecimento se dava pelo desencobrimento do que já estava dado, buscando-se então a revelação da essência do objeto. Para os gregos, o homem não se separava da natureza. Além disso, havia também uma compreensão originária tanto para a natureza (*physis*) quanto para os produtos da *poiêsis* (cultura), os artefatos. Para cada *poiêsis* havia uma *techné*, termo que dará origem ao que hoje entendemos como técnica e tecnologia.

Dentro dessa perspectiva, o mundo já tinha um projeto, no qual natureza e artefatos possuíam um propósito e um significado já definidos, antes de qualquer intervenção humana. Ao homem, então caberia descobrir o que já estava dado. Vale destacar também que nessa época de muitos deuses, onde os valores sociais estavam de acordo com toda uma mitologia, todas as descobertas passavam pelo julgamento desses deuses, fato que provavelmente também poderia impossibilitar o surgimento de novos pensamentos acerca da técnica.

Uma nova configuração desse pensamento pode ser observada a partir da Idade Moderna ou Cartesiana (séc. XVII) em que foi possível a emergência de uma ciência e de uma técnica sem o impedimento divino. Marcando-se, portanto, por uma busca da verdade, apoiada agora na quantificação, planificação, ordenação, classificação, categorização.

Desta vez, o homem já separado da natureza e apoiado no desenvolvimento das ciências, passa a utilizar a técnica como meio para controlar a natureza. A professora e pedagoga Joana Peixoto (2012) em seu

texto intitulado “Compreender a técnica” aponta para o quanto a ciência baliza a técnica desde a Idade Clássica e acrescenta que desde então “a técnica, fundamentada na ciência se converte em poderosa força material, que afeta cada vez mais nosso modo de ser, a vida cultural e as formas de sociabilidade.” (p.12).

Nessa perspectiva, o homem atual, na crença de ser o senhor da natureza e não de parte integrante da mesma, apoiado por um avanço científico e tecnológico nunca antes vivido na história da humanidade, tem a ilusão de dominar a natureza. O pensamento que na cultura helenística emergia do produto, agora passa a ser construído. O homem se colocou no lugar de Deus e a essência⁴ da técnica ensinada pela civilização grega foi esquecida. Nesse contexto, tudo passou a ser dispositivo para controlar, inclusive os sistemas: a família, a escola, a religião, a mídia, a política, a economia.

O grande problema é que o homem parece ter se deixado encantar demais pela técnica. De fato seu avanço vem sendo surpreendente e os seus aspectos positivos parecem hipnotizar e sobrepor qualquer aspecto ruim advindo da técnica. O homem atual sequer consegue imaginar sua vida sem a existência da técnica. A valorização da técnica na atualidade está exatamente nessa concepção de que ela nos protegeria da fragilidade da natureza. A partir de tal concepção, aparece uma promessa, a qual ainda não foi cumprida: a de que a técnica resolveria os problemas advindos da natureza.

Essa visão sobre a técnica constitui a marca do pensamento moderno, associando a natureza à técnica e tudo nela passa a ser algo passível de controle.

Ainda segundo Heidegger (2002), o homem moderno encantado pela técnica tem a ilusão de que domina todo o planeta por meio da técnica. Isso passa a ser considerado como progresso e bem estar. Mas, a verdade é que ele já está sendo dominado pela técnica.

O homem se separou da natureza e na constante tentativa de dominá-la acabou sendo aprisionado por ela, tornando-se a cada dia mais um refém passivo de suas forças. Sendo assim, a tecnologia que nos liberta é a mesma que nos aprisiona. Quanto a esse perigo esse filósofo já havia nos alertado. Ainda segundo ele, a questão da técnica não é a técnica e o

desencoberto que rege a técnica moderna é “uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (Idem, p.19).

Assim faz-se necessário que o homem atual perceba e dê sentido à técnica levando em conta que ela não é natural, mas sim resultado da ação humana. Ela é sempre artificial. Deve-se então tomar cuidado para não naturalizarmos a técnica. A questão não está em a técnica ser positiva, negativa ou neutra. Podemos dar exemplos dessas três distintas situações.

O problema é que a compreensão da técnica buscada numa trajetória histórico e filosófica nos revela um processo de massificação, maquinização, exclusão da consciência do humano e impossibilidade do despertar do ser. E esse problema advém também do sentido que atribuímos à técnica nessa relação do homem com ele mesmo e com outro homem.

O homem faz parte da natureza e ao tentar se separar dela por meio da técnica se desequilibra e gera problemas contra ele mesmo. Seguindo o pensamento de Heidegger, o filósofo e professor Franz Josef Brüseke (2001) em sua obra “A técnica e os riscos da modernidade” nos alerta para o perigo acerca da falta de percepção do homem atual do que está além da técnica, que é a exploração e o controle do ser humano e o esquecimento do ser.

A técnica colocada como meio e finalidade traz consequências irreparáveis à condição humana e à existência do ser. Para Brüseke (2001), Auschwitz, Stalingrado, Hiroshima e Nagasaki são apenas os primeiros anúncios das consequências de esquecimento do Ser, na técnica moderna. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o grande problema da técnica é que estamos esquecendo do Ser. Em conferência intitulada “Heidegger e a Questão da técnica”, o professor e filósofo Wanderley J. Ferreira Júnior analisando a relação do homem, técnica e natureza na atualidade deixa a seguinte reflexão “Chegamos tarde para Deus e muito cedo para o Ser”. (Informação verbal⁵)

Essa concepção instrumental da técnica pelo homem moderno está impregnada no saber jornalístico atual. Por meio dela constroem-se diariamente discursos, ficções da vida real, se oculta a realidade. Por trás dos veículos de comunicação arma-se toda uma classe hegemônica detentora de

poder econômico e político que monopoliza a informação, pauta toda uma sociedade e difunde sua ideologia a favor de sua manutenção.

Nessa perspectiva a promessa de uma democratização da informação por meio de dispositivos técnicos como a TV, internet, por exemplo, não passa de uma promessa não cumprida, utopia. O que ocorre de fato é o uso desses dispositivos para controlar grande parte da população. Acerca disso, Freire e Guimarães (1984, p.14) relatam que “o problema é perguntar a serviço de quê e a serviço de quem os meios de comunicação se acham. E esta é uma questão que tem a ver com o poder e que é política”.

Nesse contexto, o espaço do jornalismo na atualidade como bem aponta o jornalista e professor Felipe Pena (2005) é o público. Porém, essa concepção de espaço público está longe de discutir interesses de uma coletividade, como ocorria, por exemplo, na ágora da Grécia Antiga mesmo com as ressalvas de se excluir escravos e mulheres desse espaço coletivo de discussão baseado na argumentação.

O filósofo Jürgen Habermas (2003) em sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública* mostra como a burguesia se apropriou desse espaço público para defender seus interesses privados. Assim o que se percebe hoje é que esse espaço público tornou-se espaço de exposição e de visibilidade dos assuntos de interesse de poucos com a finalidade de dominar muitos. Nesse contexto, a luta pela audiência é constante e para prender a atenção do público vale tudo, inclusive fazer do conteúdo jornalístico, um grande espetáculo.

A internet, nesse contexto, anuncia uma possibilidade de democratização da informação com a exposição e visibilidade de assuntos e personagens distintos e com interesses diferentes também do da classe dominante. Mas, como dito anteriormente, isso ainda é um anúncio de possibilidade de democracia. No caso do jornalismo, por exemplo, a internet vem reconfigurando as rotinas produtivas da notícia. Observa-se que a relação com o público já passa a ser bidirecional e interativa, porém esses ainda são pequenos passos diante de um longo caminho para alcançar de fato a cidadania plena, entendida como democracia na sociedade atual.

Tudo indica que o jornalismo também encantado pela técnica se vê em uma zona de conforto possibilitada pelas técnicas da informação. A possibilidade de produzir notícias e disseminá-la de forma instantânea e

planetária aumenta o seu poder dentro de uma sociedade cujo modelo de produção é o capitalismo e o de desenvolvimento é o informacional.

O grande problema é que ao que tudo indica o jornalismo também foi aprisionado pela técnica. Ao se adequar aos diferentes meios técnicos, ele vem perdendo a possibilidade e a chance de trabalhar a favor de uma sociedade democrática.

Qual seria o caminho para transformar o jornalismo atual extremamente técnico, que fabrica espetáculos no intuito de tornar público tudo o que favorece o modo de produção capitalista, em um jornalismo que favorecesse uma sociedade mais democrática? Ao que tudo indica, esse caminho se dá por uma formação vertical e sólida desses profissionais, afinal como afirmam os psicólogos Francisco Antonio Pereira Fialho e Gustavo Loureiro Fialho “se a escola é o meio de se perpetuar um sistema, paradoxalmente é o único locus possível para a ruptura com o mesmo” (p.11, 2012).

Toda mudança é precedida por um movimento educativo. Na obra Educação do século XXI desafios e perspectivas, os autores acima citados trazem, no artigo “Formando os magos do amanhã”, a denúncia de como as escolas tem ainda contribuído para a repetição, a representação e a opressão, impedindo um processo de singularização e de construção de um sujeito.

No curso de jornalismo, por exemplo, o que na maioria do tempo se ensina é o que já se vê no mercado. Repetem-se os estilos de texto, os formatos dos jornais, as locuções padronizadas, o visual dos jornalistas, dos cenários e até os recursos técnicos quando possível. Pouco se ensina o aluno a ousar e muito se estimula a repetição. As técnicas do jornalismo viram camisas de força aos iniciantes. E se o trabalho do jornalista de hoje se limitar apenas a responder ao lide sem aprofundar discussões (repetindo os modelos padrões de produtos jornalísticos já consolidados em uma rotina produtiva marcada por interferências mercadológicas, políticas e econômicas e valorizando a técnica e a tecnologia acima do jornalismo no intuito de espetacularizar notícias para buscar e manter audiência) torna-se mesmo necessário colocar em questão a real necessidade de uma formação específica. Nessa perspectiva precisa-se urgente de se repensar o quanto as matrizes curriculares dos cursos de jornalismo, seus projetos políticos

pedagógicas de curso estão impregnadas pelo discurso tecnicista do homem moderno, pela exploração e controle do ser humano.

Outro problema encontrado em grande parte dos cursos de jornalismo se dá pela contaminação da concepção que o homem atual tem sobre a técnica. A valorização da técnica vai parar nas matrizes curriculares em pura consonância com um sistema educacional, que muitas vezes, tem o aluno como cliente. Nos cursos superiores de IES privadas, a fim de manter a clientela e reduzir o índice de evasão por parte dos alunos, as disciplinas práticas, que se apoiam no uso das tecnologias, podem ser cursadas no segundo semestre do curso sem a discussão de teorias indispensáveis para a compreensão da relação entre técnica, jornalismo e qualquer que seja o seu produto final- jornal impresso, revista, webjornal, telejornal, radiojornal. Acerca disso, o jornalista Antônio Brasil traz mais um dado alarmante:

(...) para aprender o ofício, muitos estudantes se matriculam em cursos universitários duvidosos (...) A maioria desses cursos, tanto os universitários quanto os “milagrosos”, é sem dúvida, muito ruim. Tentam o impossível. Pretendem ensinar a tocar piano sem ter um piano. (BRASIL, 2007, p. 11)

São nesses cursos também que há uma valorização dos laboratórios das práticas jornalísticas muitas vezes como cartão de visita para os alunos ingressantes. Porém, a realidade desses espaços está longe de ser a ideal. O reduzido número de equipamentos, devido ao alto custo de investimento, geralmente não atende à demanda de alunos. Grande parte deles não experienciam⁶ a verdadeira arte de fabricar produtos jornalísticos.

Poucos são os produtos jornalísticos elaborados pelos discentes que apresentam ruptura ou novidade em relação aos existentes no mercado. Pouco se estimula o processo de singularização, de estranhamento, de afastamento do que já está dado como modelo e padrão. Além disso, as disciplinas práticas que se utilizam dos laboratórios, geralmente têm cargas horárias insuficientes para uma formação que ultrapasse o conhecimento meramente técnico, impossibilitando o aprofundamento teórico em relação à especificidade de cada técnica e muito menos sua interdisciplinaridade com outras disciplinas do curso.

Nessa perspectiva, os cursos de jornalismo estão mais parecendo fábricas, despejando profissionais em série para disputar um lugar no mercado. Estão formando especialistas que não vão além dos recortes de suas áreas e que não conseguem significar o saber por inteiro. Ortega y Gasset (1929) já denunciava essa problemática da especialização:

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas categorias. (...) Teremos que dizer que é um sábio-ignorante. – coisa extremamente grave – pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio. (ORTEGAY GASSET, 1929, p. 173-174)

Essa formação com perspectiva de atender a interesses político, econômico, técnico/tecnológico, mercadológico fica bem distante de uma formação que atenda o ser humano. Uma escola com esse projeto seja ela de que nível for –infantil, fundamental, médio, superior – sufoca qualquer possibilidade de uma educação que abra todos os canais para desenvolver inteligências e habilidades, que forme um homem sensível e torne as pessoas cada vez mais livres, singulares e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta todo o exposto faz-se necessário urgentemente um curso superior de Jornalismo, cujo papel esteja além do ensino de técnicas e teorias superficiais e desconectadas umas das outras. Afinal, um curso ideal de Jornalismo deve antes de tudo estimular a busca de sua essência, possibilitando estranhamento e conseqüentes rupturas com o que já estar dado, colocando em questão a técnica, as rotinas produtivas da notícia, as interferências organizacionais.

O saber jornalístico requer um avanço além da técnica e não o aprisionamento pela técnica. Os jornalistas têm que voltar a aprender que a notícia está onde ela ocorre e geralmente não ocorre dentro de uma redação fria, movida à troca de telefonemas com fontes, e-mails, agências de notícias virtuais. Essa tecnologia deve ser convertida em oportunidade para fazer um

jornalismo cada vez melhor, mais comprometido com o público e com uma sociedade mais justa e democrática.

Uma formação teórica sólida deve ter prioridade nas matrizes curriculares dos cursos de jornalismo. Como afirma Francisco Antonio Fialho e Gustavo Fialho o maior desafio da escola atual, e aqui se insere o ensino superior, é “preparar homens não mais para aprender, mas para aprender a aprender, aprender a desaprender e, mais importante ainda, aprender a empreender (...). A questão de formar ‘seres pensantes’, infelizmente, transcende ao mero uso de tecnologia”(2012, p.28).

Diante disso, faz-se urgente uma psicanálise do conhecimento assim como propõe Bachelard (1996). Na área de jornalismo essa proposta é antes de tudo um desafio já que buscar a essência desse saber destituindo-o de suas interferências externas – políticas, econômicas e sociais - e da técnica/tecnologia é encontrar o saber jornalístico em sua pureza. É talvez encontrar o jornalismo utópico dos manuais e da academia em que prega pela busca da verdade, a imparcialidade, a objetividade. Um jornalismo livre, autônomo, criativo, poético, responsável e ético sem intervenções organizacionais, técnicas, econômicas e políticas que possibilitaria ao público uma informação um tanto mais próxima da verdade, um tanto mais pura. E a partir dessa informação servir como instrumento de luta por uma sociedade cada vez mais democrática e justa.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas I. SP: Ed. Brasiliense, 1994.

BRASIL, Antônio Cláudio. **Antimanual do jornalismo e comunicação. Ensaios críticos sobre jornalismo, televisão e novas tecnologias**. São Paulo: Senac, 2007.

BRUSEKE, Franz Josef. **A técnica e os riscos da modernidade.** Florianópolis: EDUFSC, 2001.

CHAGAS, Carlos. **Não ao retrocesso! Formação Superior em Jornalismo:** uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: FENAJ, 2008.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira; FIALHO; Gustavo Loureiro. Formando os magos do amanhã. In: SCHNEIDER, H., N.; LACKS, S. (Org). **Educação no século XXI.** Desafios e Perspectivas. São Cristovão: Editora UFS, 2012.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos.** Vol. 2, Rio de Janeiro: 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica.** In: Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEIXOTO, Joana. **Compreender a técnica.** Anotações de aula. Material exclusivo de circulação interna ao PPGE/PUC GOIÁS. 2012.

ORTEGA Y GASSET. **La rebelión de las masas.** Madrid: Espasa Calpe, 1929.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PIZA, João Roberto. **Em defesa do jornalismo e da democracia. Formação Superior em Jornalismo:** uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: FENAJ, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEABRA, Roberto. Produção da Notícia: a redação e o jornalista. In: DUARTE, Jorge (org.), **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia. Teoria e Prática.** São Paulo: Editora Atlas, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹Mestre em Comunicação Social (Universidade Federal de Goiás) e doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Araguaia. email: taticarilly@yahoo.com.br

² Imprensa se refere à produção de notícias em um espaço público. Ela está situada no interior da mídia e sendo assim ambas se influenciam mutuamente. Já a mídia engloba além de informações /notícias outras manifestações culturais que se voltam mais ao entretenimento tais como: novelas, filmes, desenhos, shows, entre outros. (PENA, 2005)

³O filósofo Michel Foucault (1999) ensina em sua obra *As palavras e as coisas* que há condições de possibilidade de pensamento ou conhecimento para cada época. Porém, cabe ao pesquisador perceber as rupturas no saber a fim de indicar a existência de novos saberes. A modernidade parece apresentar novas condições de possibilidade de pensamento com a invenção das Ciências Humanas e o desenvolvimento do sistema de técnicas da informação, possibilitando uma evolução da mídia nunca antes ocorrida na humanidade.

⁴A essência da técnica é o que realmente ela é e não sua representação. “A técnica não é igual a essência da técnica”(HEIDEGGER, 2002, p.11).

⁵Professor e filósofo Wanderley J. Ferreira Jr proferiu, no dia 17 de setembro de 2012, a conferência “Heidegger e a Questão da técnica” aos alunos do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da PUC-GO na disciplina Educação e Comunicação – Sociedade, Tecnologias e Educação ministrada pela professora Joana Peixoto.

⁶O filósofo Walter Benjamin em seu texto “Experiência e Pobreza” explicita a diferença entre vivência e experiência a fim de denunciar o quanto o homem moderno não mais experiência. Segundo ele, isso é um problema porque somente por meio da experiência o homem é capaz de aprender, compreender e agir de forma consciente e crítica.

RECEBIDO EM: agosto/2013

APROVADO EM: setembro/2013